:\OVERCLOCK>

mÚSICA+cINEMA+hQ+iNFORMAÇÃO+cYBERCULTURA+pOESIA

[#1 OUT/NOV/DEZ 2003]



WOLFSHEIM
invadindo o mainstream

FRONT 242
entrevistamos os pais da EBM

MHz
synthpop made in argentina

AIRE·N·TERRE
cérebros, melodias e cyberespaço

cinema:

DONNIE DARKO
independente, bizarro e imperdível

:\EDITORIAL>

:\OVERCLOCK>

1. S.m. Elevar a freqüência de operação de um processador acima do valor nominal, aumentando sua velocidade de processamento e incrementando sua performance.

2. Zine de periodicidade aleatória, voltado à exploração dos subterrâneos da cybercultura e da arte alternativa e independente, con ênfase em música, cinema, quadrinhos e literatura.

Ainda mais intrincada que a circuitaria miniaturizada dos processadores de silício é a malha neuronial em nossos cérebros. Mas nem por isso deixamos de tentar o overclock em nossas sinapses. Ritmos industriais, ruídos sintéticos, arte, cibernética. Impulso após impulso, as celulas nervosas entram em ressonância e vibram na cadência dos beats eletrônicos.

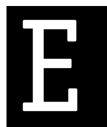
O zine :\Overclock> é a primeira de uma série de iniciativas com vistas a trazer informação de qualidade sobe o cenário eletrônico alternativo ao público da festa homônima. Na pista do projeto :\Overclock> , em Santa Maria-RS, proliferam a formas mais obscuras de música dançante: Electronic Body Music, Industrial, Synthpop, Futurepop, Electro. Gêneros relegados às margens da imprensa musical e expatriados das pistas mais comerciais. Antes do lançamento da primeira edição a proposta inicial do zine, devido a alguma mutação cancerígena cibernética, cresce descontroladamente e troca seu alvo local, a cidade de Santa Maria, pelo território nacional.

O zine assume então o compromisso de valorizar o trabalho de artistas nacionais, explorar as novas tendências do cenário internacional e resgatar nomes esquecidos nos porões da obsolescência programada. O zine pretende ser uma amostra da efervescência da cena underground mundial. Uma fonte confiável para antigos fãs e uma porta de entrada para novos entusiastas.

Para isso contamos com sua colaboração. Participe ativamente do :\Overclock>, envie sua demo, seu tracklist, seus quadrinhos, suas resenhas. E como público, leia. Informe-se. Conheça a biodiversidade dos subterrâneos culturais eletrônicos. Levante-se. E dance ao som das Máquinas.
:Wandeclayt:

ars gratia ars

by Pedro WERNECK



u sempre me interessei por arte, sou filho de artistas, lido com comércio de arte há alguns anos e estudo desenho e pintura clássico-acadêmicos desde criança. Estranhamente, só nos últimos anos percebi que nunca tinha visto uma definição clara do que é arte.

O que é arte? Há algum critério racional no qual se basear para definir ? Se esse critério existe, como que coisas tão obviamente diversas como "A Aula de Anatomia do Dr. Tulp" de Rembrandt, o "Almoço na Relva" de Monet e o "Guernica" de Picasso sejam considerados obras-primas de verdadeiros gênios.

Uma definição que eu vi muitas vezes, com algumas variações, é a de que "tudo é arte", ou "se você justificar algo como arte, é arte". Não é preciso ser um gênio para perceber que uma definição que envolva a palavra "tudo", como a primeira, não é uma definição, e a segunda é claramente recursiva, contraditória.

Eu estava com vontade de levantar essa discussão aqui já há alguns dias, mas hoje aconteceu uma coisa que pra mim ultrapassou todos os limites. Um amigo, que se diz artista e realiza trabalhos voluntários, me convidou para visitar uma exposição dos seus alunos. Os alunos em questão eram os deficientes mentais da APAE local, e os quadros da exposição eram rabiscos e manchas coloridas, a chamada "arte" abstrata. Eu disse que aquilo não era arte e fui gentilmente convidado a me retirar do local.

Eu acho que para considerar algo como arte, é razoável exigir um mínimo de treinamento e disciplina física e mental, empregados na tarefa de transmitir uma idéia ou um sentimento, critério que não é preenchido de forma alguma pelos rabiscos feitos pelos deficientes, ou até por pessoas mentalmente sadias.

Disciplina, treinamento, talento, criatividade, foram todos substituídos por política. Se eu negar que os rabiscos feitos pelo retardado são arte, estou negando o dogma político de que todos os homens são iguais, afinal de contas, não posso negar que meu "irmão" seja capaz de criar da mesma forma que eu. Se eu negar rabiscos feitos por uma pessoa sadia como arte, estou negando a sua liberdade de expressão.

A arte moderna chegou ao ponto de dizer que determinar o significado de uma obra cabe a quem observa. Isso não é arte, é teste de Rorschach, mas muitas pessoas se submetem a isso. As pessoas são ensinadas a ver a arte moderna. Já escutei incontáveis vezes a frase: "eu não gostava de arte moderna até estudá-la".Se eu olho para o "Guernica" e vejo ali apenas um monte de rabiscos e rostos humanos e de animais estilizados, ao invés de ver uma magistral representação do horror da guerra, eu é que sou o medíocre, já que Picasso foi um dos maiores gênios a já pintar uma tela.

Pense bem, Picasso pintou cerca de 80,000 quadros. Depois da sua morte, foi criado um comitê para analisar e certificar a autenticidade das telas, e muitas foram comprovadas como falsificações. Até hoje, quando você adquire um quadro dele, você recebe o certificado de autenticidade. É tão fácil assim falsificar a obra de um gênio ? Pior, a obra de um gênio é reconhecida por um documento (estávamos falando de política ?) e não pelas suas características.

Enfim, a minha definição é: arte é a criação de coisas extraordinárias, e exige talento, disciplina, treinamento e habilidade. Os seres humanos não são todos iguais, e essas características não são universais, pelo contrário, são raras. Querer nivelar os indíviduos por baixo, igualando verdadeiros gênios a medíocres, não tem nada de democrático. Democracia é a igualdade de oportunidades, principalmente oportunidades de demonstrar a própria capacidade, não a igualdade de competência. É preciso eliminar esses dogmas políticos do conceito de arte, da mesma forma que eles um dia eliminaram o requisito de talento e disciplina e igualaram os indíviduos dessa forma infantil e invejosa.

Pra terminar, vou citar Ayn Rand, no seu "Romantic's Manifesto": The art of any given period or culture is a faithful mirror of that culture's philosophy. If you see obscene, dismembered monstrosities leering at you from today's esthetic mirrors — the aborted creations of mediocrity, irrationality and panic — you are seeing the embodied CONCRETIZED reality of the philosophical premises that dominate today's culture*.

*****[*A Arte de um dado período cultural é um confiável espelho da filosofia daquela cultura. Se você enxerga monstruosidades desmembradas e obscenas olhando para você de dentro dos espelhos estéticos de hoje - as criações abortadas da mediocridade, irracionalidade e pânico - você está enxergando a incorporação da realidade CONCRETIZADA das premissas filosóficas que dominam a cultura de hoje.*]



Completando 10 anos de existência, o duo formado por Edson F. e Cláudio S. se projeta como um expoente do synthpop nacional. O Modem foi a grande surpresa do festival BioElectric.br (Santa Maria-RS) ao lado das bandas MHz e Aire'n Terre (todos na foto acima). A já atestada qualidade do trabalho da banda, combinando influências de New Order, Depeche Mode, Kraftwerk e do ritmo forte da EBM aliadas à grande presença de palco do showman Edson foram uma combinação explosiva e o resultado foi uma pista inflamada durante todo o show. O Modem se prepara agora para um retrospecto de seus 10 anos, resgatando antigas composições e sendo remixado por outras bandas. Ficamos aguardando os novos lançamentos e a próxima oportunidade de vê-los no palco.
www.mp3.de/modem ; emodem@ig.com.br



Um dos mais competentes projetos de synthpop da atualidade, o duo argentino MHz aportou no brasil por duas vezes em 2003, primeiro em maio no PA LIVE Festival em São Paulo e depois em Santa Maria-RS no Festival Bio-Electric.br (que contou ainda com Modem e Aire'n Terre).

As impressões deixadas não poderiam ter sido melhores. As faixas de estúdio, bem arranjadas e com deliciosas melodias ficam ainda mais potentes no palco. A performance ao vivo da dupla é contagiante, trazendo além de faixas da banda, covers de Depeche Mode, New Order e Joy Division...em geral sem dever nada às originais.

Para 2004 dois novos álbuns estão planejados, um deles voltado ao synthpop/futurepop e um segundo sem prender a rótulos. O primeiro single American Bride deve estar em edição promo em fevereiro e deve trazer remixes de grandes nomes da cena eletrônica mundial.

Não perca detalhes e entrevista na próxima edição.

www.mhzbrazil.hpg.ig.com.br

:\ELECTRONIC_BODY_MUSIC>

A expressão EBM foi usada pela primeira vez em 1981, por Jean Luc de Meyer para definir o estilo musical de sua banda, o Front 242 que então lançava suas duas primeiras faixas: Principles e Body to Body.

Com as palavras Electronic Body Music ele batizava um novo universo musical, caracterizado pela frieza, pela força dos ritmos e por uma sonoridade marcial. Uma música representativa de uma cultura européia e industrial. Ordem, corpo, disciplina, força são as palavras chave. E na visão de J.L de Meyer, Richard 23 e P. Codenys a sociedade se enxerga numa corrida para o futuro. Teconologia e industrialização são onipresentes. A necessidade de disciplina se faz sentir e o corpo deve permanecer forte e pleno de energia para resistir à nova opressão. A nova música é um reflexo dessa visão. Põe o corpo em movimento na pista e em ação na vida.
Seguindo o exemplo do Front 242, muitas bandas, principalmente da Bélgica, mergulham nessa vertente, à época chamada de techno (ou tekkno), evidenciando seu aspecto tecnológico. O movimento deixa a Europa e cruza o Atlântico chegando ao Canadá - onde sob influência americana ganha guitarras e energia - e ao Brasil, onde, ainda nos anos 80, grandes centros urbanos e industriais absorvem a onda de choque da EBM. Um mundo de humanos compartilhando seus dias com máquinas. Essa é a humanidade aos olhos da EBM.

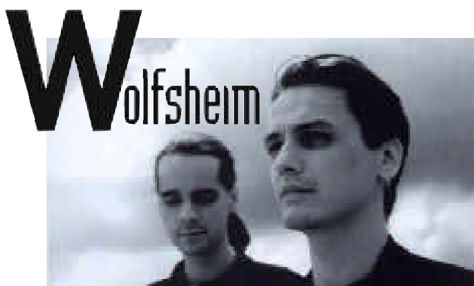
Em meados dos 90, o movimento, agora com mais de uma década, vê alguns representantes se assimilarem efeitos tecnóides, criando uma nova energia, mas ao mesmo tempo se desvirtuando da natureza intrínseca da EBM: um gênero frio, sóbrio, escuro. Outros mesclam-se a temas mais emocionais e pintam a EBM com tons de Darkwave, criando uma atmosfera que contrasta energia e romantismo.

No presente os dias são de dúvida sobre o futuro da Electronic Body Music. Nossas máquinas estão em stand-by, esperando por uma resposta. Mas vale a pena citar que bandas como o D.A.F., respeitando as bases da EBM (esse sóbrio terreno musical, de ritmos enérgicos que exaltam a energia e virilidade do corpo) continuam fiéis à sua personalidade e alimentam esse universo musical com a pureza de sua tradição.

O tempo dirá se o gênero que desafiou o rock e impulsionou o desenvolvimento da música eletrônica resistirá e manterá intacta sua preciosa identidade.

Rod Sterling*

**Rod apresenta o programa semanal Elektroscope na rádio francesa WNE. O programa também é transmitido via Internet em www.radiowne.org ao vivo, às 21h00, às segundas-feiras (18h00 no Brasil, horário de verão).*



F ormado na Alemanha em 1987, por Markus Reinhardt e Pompejo Ricciardi, tendo, em seguida, a adição de Oliver Reinhardt, irmão de Markus. Pompejo e Oliver deixam a banda pouco depois de sua formação e Peter Heppner, como sucessor de Oliver, une-se ao projeto deixando a banda com sua formação atual: Peter Heppner (vocais) and Markus Reinhardt (eletrônicos).

Os inconfundíveis vocais de Peter e os belos arranjos e melodias garantiu ao Wolfsheim diversos hits em pista, começando pelo single "The Sparrows and the Nightingales" de 1991 que tornou-se um clássico inclusive em clubes alternativos brasileiros.

A evolução da banda leva o álbum Casting Shadows (2003) ao topo das paradas alemãs. Detalhe: não ao topo das paradas alternativas, mas da parada pop! O mais importante é que a banda traçou seu longo caminho deste a obscuridade das pistas góticas até os holofotes das paradas pop sem fazer concessões.

O álbum Casting Shadows e o single Kein Zurück conservam a sonoridade e a expressividade dos álbuns anteriores, mas trazendo o duo em sua melhor fase.

Destaques para Everyone Who Casts a Shadow e Find You're Gone. A balada Kein Zurück tem potencial radiofônico e em versâo remix desce perfeitamente às pistas de dança. No single, o b-side Iou também tem as pistas como alvo e poderia muito bem ser faixa do álbum.

Resta saber se há esperança desta pérola ser lançada em Terra Brasilis. Enquanto isso, vale coçar o bolso e pedir um importado. Ou lançar mão do seu programa de troca de arquivos favoritos, afinal o álbum também é sucesso de downloads na rede.

www.wolfsheim.de



DONNIE DARKO IMPRESSIONS

by Daniela PRIS

Oke, intrigante não é uma palavra suficiente para definir o freak-movie Donnie Darko. O sentimento real é de PERPLEXIDADE. Ao final da sessão é que você começa a se perguntar: - ai caramba! que filme é este? quem raios dirigiu este filme? e principalmente: que trilha sonora do caralho é esta que te faz ficar dias e dias cantarolando Mad World (música que encerra o filme, em versão maravilhosamente melancólica de Gary Jules) sem parar?



Enfim, Donnie Darko é uma produção de 2001, primogênita do diretor Richard Kelly, produzido por Drew Barrymore – a pantera mais rechonchuda e querida dos undergrounds – com atuação de Jake Gyllenhaal (no mínimo perfeito protagonizando o adolescente perturbado Donnie), Jena Malone, James Duval, Mary McDonnell, Patrick Swayze (encarnando um guru de auto-ajuda simplesmente hilário), Noah Wyle e a própria Drew Barrymore (um pouco desajustada no papel de uma professora de literatura).

Donald "Donnie" Darko é um adolescente problemático (wow! eu sei, até aí nada demais...), que sofre de sonambulismo e têm encontros com um "amigo imaginário" - nada menos que um coelho megagigante que diz ter vindo do futuro, fala com voz metálico-arrastada e usa uma máscara de ferro sinistra – Frank, que lhe salva a vida e avisa sobre o fim do mundo. A partir daí, Donnie passa a se preocupar com viagens no tempo, metafísica e perceber as segundas chances que TODOS temos na vida e na maioria das vezes não sabemos aproveitar.

Envolto em uma atmosfera obscura e niilista, Donnie aproveita o tempo que lhe sobra até o fim do mundo para fazer coisas – muitas delas provocadas por seu amigo Frank – que sua timidez jamais permitiria que fizesse outrora, como mandar uma professora (insuportável, é bem verdade) enfiar algo em um orifício natural do corpo, ou desmistificar um guru de auto-ajuda na frente de todos os seus colegas da escola. Uma das grandes cenas do filme, a sua magnífica abertura, é uma seqüência sem cortes que conta com The Killing Moon do Echo & the Bunnymen, em uma linguagem bem videoclipe. Linda de morrer! A trilha nos presenteia ainda com Joy Division (Love, never will tear us apart), Tears for Fears (Head Over Hills), Duran Duran (Notorious) INXS, e talvez aí resida um dos trunfos do filme: justamente por falar em poder mudar o passado e usar canções de forte apelo nostálgico.

Pouco ou nada se ouviu falar do lançamento do filme no Brasil, mas é só dar uma olhada no site (www.donniedarko.com - uma espécie de jogo, ou portal, whatever, que te encaminha pra algumas passagens do filme) pra se ter uma idéia da bizarrice que se trata. Aliás, bizarro não, FREAAAK, seria a definição perfeita para esta (ótima!) mistura de thriller/suspense/80's/David Lynch/literatura de horror adolescente/sci-fi.

AIRE'N TERRE



:\>Quem é o Aire'n Terre?
:\>A formação atual traz Wandeclayt M. e Aze von Helder, ambos cuidando dos sintetizadores, programações, samplers e voz. São os membros originais que formaram a banda em 1997. Morella van Ingen é a mais recente adição ao A·N·T, colaborando nas composições e suprindo nossa necessidade de um vocal feminino. Adicionalmente contamos com convidados que nos dão suporte nas performances ao vivo.

:\>Os membros do A·N·T vivem em países - e até em continentes - diferentes. como a banda contorna a barreira da distância e como isso influi no processo criativo?
:\>A banda foi formada em Recife-PE em 1997. Mas apenas três ou quatro ensaios foram realizados nessa época. No ano seguinte Aze mudou-se para NYC e Wandeclayt para Santa Maria-RS. Desenvolvemos então toda uma estrutura que nos permitisse sincronizar nosso maquinário e trabalhar como se estivéssemos juntos em um mesmo estúdio. O fato de usarmos apenas instrumentos eletrônicos e computadores simplificou o processo. Todo o trabalho de produção vem sendo conduzido via internet. Nossa mais recente integrante, Morella, mora do outro lado do Atlântico, em Madrid, reforçando mais uma vez nosso objetivo de transpor distâncias pela tecnologia. O Aire'n Terre como existe hoje surge realmente a partir da separação de seus integrantes, um fruto direto da tecnologia e da cybercultura. Independendo de fronteiras, a banda habita o cyberespaço, logo, a barreira da distância inexiste.

:\>Quais as principais influências do A·N·T?
:\>Musicalmente, ouvimos muito do EBM e synthpop dos anos 80, Depeche Mode, Front 242, Signal Aout 42, Kraftwerk. Resgatamos um pouco dessa sonoridade em nossas composições. Além disso há influências do cinema (Blade Runner, Akira, 1984), da literatura (Orwell, K. Dick, William Gibson, Poe, Augusto dos Anjos) e mesmo de história medieval.

:\>Após cinco anos existindo como um duo, o A·N·T agora conta com mais um integrante. Como foi a entrada de Morella na banda e em que isso influirá na sonoridade que conhecemos?
:\>Na verdade o Aire'n Terre surgiu como um trio. Com a separação, no entanto, não víamos a necessidade de manter um terceiro membro como vocalista, já que não existia a necessidade de ensaios em tempo real. Dois inegrantes nos parece o número perfeito para uma banda eletrônica. Suficiente para diversificar o processo criativo sem implicar em severas divergências. Decidimos finalmente por voltar à configuração original após termos trabalhado com Morella nos vocais de uma faixa. Além de bastante talentosa, durante todo o tempo ela esteve sintonizada com a proposta da banda e mostrou uma dedicação singular ao projeto. Seu senso melódico deve contribuir bastante para humanizar o som da banda.

:\>Que instrumental a banda utiliza para construir seu som?
:\>Sintetizadores (Yamaha DX7-IID, Roland JD-800 e JX 305), computadores (operando como sequencers, samplers e módulos de efeito), software (Fruity Loops, Acid, GigaSampler, Reaktor, Cubase SX, Reason). Esse maquinário é também levado aos palcos, com os sequencers substituindo os integrantes ausentes.

:\>Como definir o som do A·N·T?
:\>Essencialmente fazemos Electronic Body Music. Ritmos pesados e dançantes, com fortes linhas de baixo sintetizado. Mas há bastante melodia nas canções, o que em alguns instantes poderia ser rotulado como futurepop. Flertamos também com o industrial e com atmosferas góticas, mas cotumamos definir nosso som apenas como um EBM mais melódico.

:\>Uma mensagem final?
:\>"Fail is never an option".

AIRE·N·TERRE:
www.listen.to/airenterre
airenterre@hotmail.com



FRONT 242



POR WANDECLAYT M. /FOTOS: WANDECLAYT M.+LUCIANA PICOLI

22 anos após Geography (o primeiro álbum) os criadores da Electronic Body Music desembarcam no Brasil para dois shows históricos. Principal nome da noite de sábado (01/11) no Tim Festival, no Rio de Janeiro, e os donos do palco do Directv Hall no domingo (02/11), em São Paulo. Wandeclayt M. acompanhou a passagem de som da edição paulista do evento e conversou com Patrick Codenys, Jean Luc de Meyer e Richard 23.

:\Overclock> O que vocês conhecem da cena brasileira?
JL - Nada...humm...Gilberto Gil.
PC - Conheço apenas um projeto com um vocalista brasileiro, mas é algo mais direcionado ao trip hop... mas não conheço realmente nada de EBM.
R23 - Sei que acontecem grandes raves por aqui e que há DJs de projeção, mas de maneira geral não acompanho bandas de EBM ou Industrial.

:\Overclock> E o que estão escutando atualmente?
JL - Alguns grupos vocais em francês, que usam muito pouco instrumental. Posso citar Tri Yann, Fabulous Trobadors e Yann Tiersen. Mas não escuto nada de eletrônico.
PC - Há otimas bandas atualmente, mas você precisa encontrá-las na Internet. Estou ouvindo algumas boas bandas de electro, gosto de Fischerspooner, Tipper, Prefuse 73, Dorfmeister, Phoenica.

:\Overclock> E o futurepop de bandas como VNV Nation?
PC - Não conheço muito essa cena, mas vi recentemente em Atenas o show do VNV Nation e me surpreendi com a performance ao vivo. É muito mais do que se poderia esperar ouvindo os álbuns.

:\Overclock> E quanto a recente onda do Electro, como vêem o crescimento deste estilo que basicamente apóia suas raízes no som feito na época do surgimento do Front 242.
PC - Há uma forte referência aos anos 80 no electro, mas um aspecto importante parece que foi perdido. Quando começamos, em 1981, eu não tinha formação musical. Não era um compositor, era um sound designer. Então meu trabalho era voltado à pesquisa, à criação de novos timbres. Essa é a verdadeira essência da música eletrônica, a liberdade e a possibilidade de criação de sons inéditos. Mas hoje compra-se um Roland e todo o techno está lá dentro. Muitas bandas compram bancos pré-programados

e deixam de lado o importante trabalho de pesquisa e design.

:\Overclock> Esse é outro ponto fundamental na história do Front 242. A pesquisa e o pioneirismo. Em GVTD (do álbum Geography) há o que soa como um sample do filme THX.
PC - Sim, na verdade o que fizemos foi emular um sampler utilizando um pequeno gravador... aquilo é uma fita cassete com o sample sendo rebobinada.

:\Overclock> Mas no álbum No Comment já havia o Emulator II (classico sintetizador/sampler também utilizado nos anos 80 por Depeche Mode, Pet Shop Boys, Vangelis e até por Ferris Bueler no filme Curtindo a Vida Adoidado).
PC - Não, não. O Emulator II veio apenas no álbum Official Version, mas muitas pessoal acreditam que em No Comment nós já o usávamos. Na verdade, em No Comment usamos pedais de efeito que soavam como os filtros do Emulator. Já o Front by Front foi feito com o DX7 (Yamaha DX7, sintetizador que foi uma marca dos anos 80). Extremamente complicado de se programar, mas seu som é único.

:\Overclock> Voltando aos primeiros álbuns. Geography foi recentemente relançado com faixas extras. devemos esperar pelo relançamento de toda a discografia?
PC - Sim, o relançamento desse material tem valor documental. Uma prova de que já fazíamos esse som em 1981. Estamos recuperando várias faixas inéditas do período e remasterizando as faixas já lançadas. Mas esse material está em antigas fitas gravadas em 4 canais.

:\Overclock> Desta vez os relançamentos trazem a arte original nas capas.
PC - Não apenas estamos recuperando o som dessa época, mas também as imagens que eram bastante fortes. As capas, o helicóptero... tudo isso tem um forte impacto visual que ficou perdido no relançamento pela Epic.

:\Overclock> As letras nesse período tinham mensagens fortes. Sinais da guerra fria, da política daqueles anos. Não há mais espaço para mensagens e ideologia nas letras do Front 242?
JL - Os tempos mudaram. A guerra fria se foi. O muro de Berlim foi derrubado. E aprendemos que por mais direta que a mensagem possa ser é impossível esperar que todos a entendam.

:\Overclock> Vocês acabaram de tocar no Tim Festival no Rio de Janeiro, qual foi a impressão que tiveram do público brasileiro?
JL - Muito animado e comunicativo. Não é sempre que temos uma audiência assim. Há lugares onde o público assiste ao show mas participa muito pouco. Na Escandinavia isso acontece bastante. As vezes mesmo nos EUA, se o som da casa não é bom, acontece do público não se manifestar tanto. Mas o público de um festival não é o melhor termômetro. hoje teremos uma audiência só nossa e poderemos sentir realmente o público brasileiro.

:\Overclock> E o que o público pode esperar do show?
PC - O que você vai ver hoje é basicamente o Reboot com a adição de algumas faixas novas. Ainda não preparamos a nova turnê, mas de qualquer forma o Reboot é inédito para o público brasileiro. Para a próxima turnê estaremos adicionando vários elementos ao palco,algo como as estruturas da turnê do Tyranny for You.

:\Overclock> Talvez não haja mais espaço para mensagens nas letras, mas que mensagem vocês deixariam para os fãs brasileiros?
JL - Mantenham sempre sua identidade. E vivam sempre segundo suas convicções!





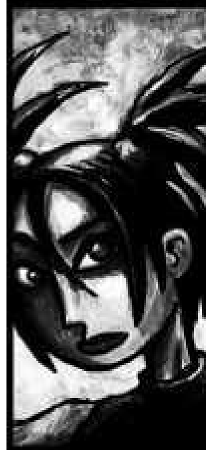

APOCALYPTIC SHOPPING




















ATTENTION SHOPPERS!


TODAY ON PROMOTION: A BOTTLE OF SHAMPOO!






ON ISLE 8 WE HAVE ONE BOTTLE OF LOVELY SHAMPOO! SOFT FOR THE HAIR!




I REPEAT...



SUPER PROMO!
MINE!
MINE!
BLAM
BLAM
BLAM
MINE!
BRATATATA!
8
7
BLAM
BRATATA
RATATATAT
FOOMP











art by rayman, story by rayman & Gilliom

:\lançamentos>

Plan Indentitaat
synth-electro-ebm compilation from argentina

NULLREPUBLIK records
Argentina (2002)
nullrepublik.com.ar



O público brasileiro já teve o prazer de conhecer o duo argentino MHz que, em 2003, apresentou-se no P.A Live Festival (SP) e no BioElectric.br Festival (RS). Mas o universo eletrônico argentino vai além do contagiante som do MHz, como nos mostra esta excelente coletânea, a primeira do selo especializado NULLREPUBLIK. São 12 faixas que transitam livremente entre o dark electro à moda Hocico do Punto Omega, passando pelo lirismo ambiental sobre bases de EBM do Melmoth e chegando às melodias e batidas na EBM/Futurepop/Synthpop das bandas Umilenie, Luminaria e Useless Project (esta última abrirá junto com o MHz o show do Melotron em Buenos Aires). Não menos importantes são Stroj: Null e Nostromo que entram como faixas bônus. Além da excelente seleção musical, o ótimo preço (15 pesos, para a América do Sul) não deixa desculpas para quem ainda não conhece a produção contemporânea de nossos hermanos.

A Industrya
Demo
Independente (2002 / 2003)

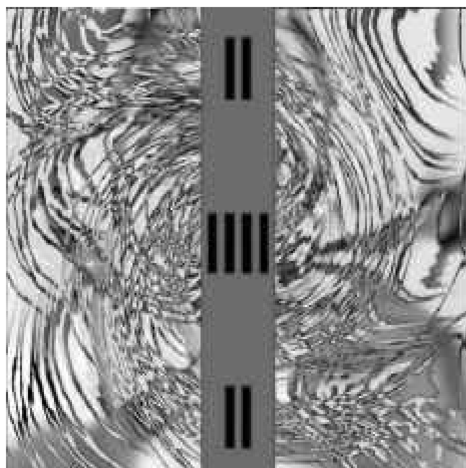
Valter Sangregório é o nome da mente perturbada por trás desse excelente projeto brasileiro. Em minhas mão tenho dois cds demo, Força Bruta Inteligente e um sem título compilando faixas de demos anteriores. A tempestade sonora é avassaladora. Ruídos, distorções, timbre e ritmos industriais o fazem sentir em meio ao máquinário de uma siderúrgica. Mas a criatividade não se restringe ao aspecto sonoro, os inusitados trocadilhos (Steel Love You, Hard Where?, Putrfactory) e outras construções pouco usuais (Testículos na Morsa, Pesadelos Metalúgicos) nos nomes das faixas são um show à parte. A recente adição do DJ e produtor Alex Strunz leva o projeto na direção da EBM dando uma roupagem mais dançante ao projeto. As novas faixas são verdadeiros petardos para as pistas e representam um gigantesco salto evolutivo na já impressionante produção dessa indústria ruidosa.
www.industrya.kit.net

Karl Bartos
Communication
Sony/Columbia (2003)

Eis uma excelente pedida para os seguidores do Kraftwerk. Karl Bartos, ex-percussionista do quarteto, lança um álbum competente, com tempero nostálgico mas sem perder o trans-europe express para futuro da música eletrônica. Temas classicamente kraftwerkianos (comunicação, tecnologia...), vozes robóticas e boas melodias colocam Communication entre as melhores surpresas do ano. O álbum é bem menos pop que os trabalhos solo anteriores de Bartos sob a alcunha de Electric Music e não tem o menor constragimento em soar como Kraftwerk. O resultado não poderia ser melhor e mostra a falta que Bartos está fazendo no time dos homens máquina de Düsseldorf.
www.karl-bartos.de

Front 242
Still and Raw (EP) / Pulse

XIII Bis - França
Lado Z - Brasil (2003)
www.front242.com
www.xiiibis.com



Primeiro álbum de estúdio do Front 242 em 10 anos, Pulse é uma excelente surpresa, inclusive para os fãs mais ortodoxos dos pais da EBM. Sem deixar de ser atual, o novo trabalho resgata sonoridades do início da trajetória do Front 242 e as veste com as texturas do maquinário atual. A edição brasileira é dupla e traz como disco bônus o EP Still and Raw. O único senão da edição brazuca é o tracklist exibido na capa: as 11 faixas de Pulse se subdividem em 20 e essa subdivisão não aparece no encarte. No mais, tiramos o chapéu para a Lado Z pela corajosa iniciativa.

E agora, ao que interessa: nas seis faixas de Still and Raw já se pode ter uma prévia do que nos aguarda em Pulse. Em certos aspectos somos remetidos de volta a Geography, mas sem deixar de lado os 22 anos de evolução desde então. Loud é uma belíssima faixa ambiental, com os vocais de Jean Luc, em plena forma, sobrepondo-se às paisagens sonoras tecidas por Patrick Codenys e Daniel Bressanuti. 7Rain aparece em duas versões (7Rain e 7Rain<ghost>) e depois volta em Pulse como 7Rain<filter>. Fecham o tracklist Strobe e as instrumentais Collision e Strobe<Fragments>. Até aqui nenhum hit potencial para as pistas, mas as melodias, ritmos e texturas memoráveis justificam a ausência de 10 anos do quarteto belga. O retorno foi em grande estilo!

Em Pulse também não predominam as faixas dançantes. No geral, o alvo destes novos trabalhos não é a pista de dança. A busca por arquitetar ambiências e atmosferas envolventes parece ter sido mais importante que tentar criar um trabalho dançante, o que fica explícito inclusive no título do EP. Pulse varia do agressivo ao etéreo, do dançante ao ambiental. E essa diversidade torna difícil escolher algum destaque. Together, Triple X Girlfriend e One são excelentes faixas, mas o trabalho todo é muito competente do início ao fim. A única expectativa frustrada talvez seja a arte das capas, o abstracionismo caleidoscópico de Daniel B. nao consegue emular o impacto visual de Tyranny >For You< e Official Version, por exemplo.

Resta saber o quão eficiente será a distribuição nacional, mas em tempos de Internet isso não é problema, as versões nacionais de Pulse e também do ao vivo Re:Boot estão à venda em www.fnac.com.br.

O tracklist de Pulse, como consta no encarte europeu é:

01. Seq666 - P
02. Seq666 - U
03. Seq666 - L
04. Seq666 - S
05. Seq666 - E
06. Together
07. Triple x Girlfriend
08. NoMore - NoMore
09. Beyond the scale of comprehension
10. Song - Untitled
11. Song - StarCandy
12. One - with the Fire
13. One - reverse
14. Matrix - OpenStatic
15. Matrix - MegaHertz
16. Never Lost - Faust
17. Never Lost - Riley
18. 7Rain Filter
19. Pan - Dhe
20. Pan - Mink

Kraftwerk
Tour de France 2003



2003 foi um ano de grandes retornos. E, sem dúvida, o do Kraftwerk foi o mais esperado deles. A espera por material inédito dos homens máquina vem se estendendo desde 1986, ano do álbum Electric Cafe. Nesse meio tempo, o álbum de regravações The Mix e o single Expo 2000 (que chega a parecer uma faixa reminescente do Electric Cafe) quebraram brevemente o silêncio. O álbum Tour de France, no entanto, não é uma idéia nova. A faixa título saiu como single em 1983 e deveria ter integrado um álbum chamado Technopop no mesmo ano. O álbum nunca foi lançado e as faixas Technopop e Sex Object acabaram sendo herdadas pelo Electric Cafe em 1986.

Tour de France Soundtracks é apresentado como uma trilha sonora para a famosa corrida francesa de bicicletas. As cinco primeiras faixas (Prologue, Tour de France etape 1, 2 e 3 e Chrono) formam uma grande suíte aos moldes da tríade Boing Boom Tschak-Technopop-Musique Non Stop, apresentando variações (em certos pontos tediosas) sobre o tema original. A parte mais dinâmica do disco começa em seguida. Os inconfundíveis ritmos metálicos, melodias minimalistas e vozes robóticas deixam sua assinatura em Vitamin, Aero Dinamik/Titanium, Elektro Kardiogram e La Forme/Regeneration. É possível reconhecer antigos timbres, já usados em álbuns anteriores, o que leva ao questionamento: a usina de sons agora trabalha com material reciclado?

A inevitável comparação com o material das décadas de 70 e 80 também evidencia outro grande déficit no Kraftwerk do terceiro milênio: os ritmos do percussionista Karl Bartos, que deixou o quarteto antes do The Mix e segue carreira solo. O disco é finalizado com uma versão de Tour de France praticamente idêntica à original de 1983, esta é talvez a melhor faixa do disco.

O álbum talvez não tenha atingido as expectativas de todos, mas após terem escrito os mais importantes capítulos da história da música eletrônica, até mesmo uma nota de rodapé do quarteto alemão tem muito a nos dizer.

Wolfsheim
Find You´re Here CDS
Strangeways (2003)

No embalo do sucesso do album Casting Shadows, a faixa Find You're Gone ganha novos arranjos, letras e vocais e aparece rebatizada como Find You're Here. Fechando o single, Find You're Gone em versão editada e duas faixas ao vivo: Kein Zurück e Künstliche Welten. www.wolfsheim.de

:\Overclock> ano 1 #1 out/nov/dez 2003

:\Contact, info, demos, cartas-bomba> Chain Re-Akords CP 679, Santa Maria-RS-Brazil 97001-970 •
:\Editor> Wandeclayt M. • :\Diagramação> Sílvia Lago •
:\Contribuíram com esta edição> Rayman (Bélgica) • Pierre aka Rod (França) • Daniela Pris • Pedro Werneck
:\Fotos> MHz - Luciana Picoli • Front 242 - Wandeclayt M. + Luciana Picoli • Divulgação
:\Capa>: Wandeclayt M. •
:\Thankx> Marcus&Monica@BioDiverCidade, Marcelo Pastel@Ultramode, Paulo@Cesma, Carla@Sanduba , Eduardo Morpheus Affinito@DeProfundis, Cid@Carcasse, Francisco@DiarioSantaMaria •